

A SINTAXE DAS ORAÇÕES CAUSAIS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

The syntax of causal clauses in Brazilian Portuguese

Patrícia Rodrigues¹

patricia.rodrigues@ufpr.br

RESUMO: Este trabalho investiga a sintaxe externa das orações causais no português brasileiro introduzidas por *porque*, *já que*, *que* e *pois*. Propõe-se, seguindo proposta de Frey (2016; 2023) e Badan e Haegeman (2022), que essas orações podem ser classificadas como centrais, periféricas ou não-integradas conforme sejam adjungidas, respectivamente, a uma projeção interna a TP, a uma projeção externa a TP e a uma projeção de ato de fala. A partir de diagnósticos envolvendo o escopo da oração matriz, a pesquisa determinou que (i) orações-*porque* podem ser centrais, periféricas e não-integradas; (ii) orações-*já que* podem ser periféricas e não-integradas; (iii) orações-*que* e orações-*pois* só podem ser não-integradas. Além disso, o artigo mostra que a correspondência entre essas posições de adjunção e as conhecidas interpretações das causais discutidas em Sweetser (1990) – relações causais de conteúdo, epistêmicas e de atos de fala – não é biunívoca e que é possível conceber essa correspondência levando-se em conta o escopo do adjunto: uma oração adjungida internamente a TP, modificando o predicado, permitiria apenas uma leitura de conteúdo; uma oração adjungida externamente a TP, relacionada à proposição expressa na oração principal, permitiria leituras tanto de conteúdo quanto epistêmicas; já uma oração adjungida a uma projeção de ato de fala, associada ao enunciado, permitiria interpretações nos três domínios cognitivos. Essa correspondência permitiu esclarecer algumas questões não resolvidas na literatura sobre as causais no português, decorrentes da assunção de que a sintaxe das orações causais seria determinada a partir de seu significado.

PALAVRAS-CHAVE: orações causais; orações adverbiais; subordinação; português brasileiro.

ABSTRACT: This study investigates the external syntax of causal clauses in Brazilian Portuguese introduced by *porque*, *já que*, *que* and *pois*. It is proposed, following the work of Frey (2016; 2023) and Badan and Haegeman (2022), that these clauses can be classified as central, peripheral, or non-integrated, depending on whether they are adjoined, respectively, to an internal position in TP, an external position to TP, or a speech act projection. Based on diagnostics involving the scope of the main clause, the research determined that (i) *porque*-clauses can be central, peripheral, and non-integrated; (ii) *já que*-clauses can be peripheral and non-integrated; (iii) *que*-clauses and *pois*-clauses can only be non-integrated. Furthermore, the article shows that the correspondence between these adjunction positions and the well-known interpretations of causal clauses discussed in Sweetser (1990)—content, epistemic, and speech act causal relations—is not one-to-one. This correspondence can be understood considering the scope of the adjunct: a clause adjoined internally to TP, modifying the predicate, would allow only a content reading; a clause adjoined externally to TP, related to the proposition expressed in the main clause, would allow both content and epistemic readings; and a clause adjoined to a speech act projection, associated with the utterance, would allow interpretations

¹ Professora Associada (aposentada) da Universidade Federal do Paraná.

in all three cognitive domains. This correspondence helped to clarify some unresolved issues in the literature about causal clauses in Portuguese, which stemmed from the assumption that the syntax of causal clauses would be determined by their meaning.

KEYWORDS: causal clauses; adverbial clauses; subordination; Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho é discutir a sintaxe externa das chamadas orações causais (1a) e explicativas (1b-c) em português brasileiro (PB).

- (1) a. A Maria foi embora [porque o Pedro chegou].
- b. A Maria saiu, [porque a luz tá apagada].
- c. Coma uma fruta, [porque o almoço vai demorar]!

De acordo com a tradição gramatical, as orações causais são orações subordinadas que denotam a causa da situação descrita na oração principal, enquanto as orações explicativas são orações coordenadas que expressam uma justificativa para a enunciação da oração associada (cf. Cunha; Cintra, 2001; Rocha Lima, 2010). Na literatura linguística, autores como Matos (2004, 2006) e Matos e Raposo (2013), sugerem que as orações explicativas não seriam coordenadas, mas sim subordinadas com um caráter mais apositivo ou periférico (adjuntos de frase). Essas análises, apesar de divergirem quanto ao estatuto sintático das orações explicativas, convergem com relação a tomar a distinção de significado “causal vs. explicativa” como ponto de partida para a proposição de uma análise sintática. Ou seja, elas estabelecem uma relação direta entre o significado das orações e a sua estrutura: as orações causais seriam subordinadas adjuntos de predicado, enquanto as orações explicativas seriam coordenadas ou subordinadas adjuntos de frase.

Alguns autores, como Lobo (2003) e Colaço e Matos (2016a, b), admitem que não há uma correspondência direta entre o significado causal ou explicativo dessas orações e a sua estrutura sintática, mas não exploram essa ideia e acabam assumindo em seus trabalhos a dicotomia clássica, focando nos exemplos mais representativos de cada categoria ao propor suas análises².

² Vogt (2001, p. 140) já chamava a atenção sobre essa questão: “A distinção entre os dois tipos de conjunção [coordenativas explicativas e subordinativas adverbiais causais], sobretudo quando se trata de *pois* e de *porque* não é absolutamente clara e os critérios utilizados para tanto, por serem apenas indicativos de intuições possíveis, insistem em repetir a diferença e adiam a explicação provável”.

Neste trabalho, proponho, seguindo Matos (2004; 2006) e Matos e Raposo (2013), que as orações causais/explicativas do PB são orações subordinadas. No entanto, argumento que a sintaxe externa dessas orações não deriva do seu significado, ou seja, as orações não são automaticamente consideradas subordinadas de predicado ou subordinadas de frase conforme sejam interpretadas respectivamente como causais ou como explicativas. As posições de adjunção devem ser determinadas por diagnósticos sintáticos relacionados ao escopo da oração principal. Nesse sentido, conforme proposto por Frey (2016, 2023) e Badan e Haegeman (2022), as orações adverbiais podem ser adjungidas a três posições distintas na matriz de acordo com seu nível de integração: adverbiais centrais (adjungidas internamente a TP), adverbiais periféricas (adjungidas externamente a TP) e adverbiais não-integradas (adjungidas a uma projeção ligada ao ato de fala). É a partir de sua posição de adjunção que a adverbial adquire um significado específico: as adverbiais centrais modificam a eventualidade codificada na matriz, as periféricas fornecem uma proposição que serve como evidência para a relevância da proposição principal e as não-integradas modificam o ato de fala.

Entretanto, dado que a distinção de sentido entre causais e explicativas é amplamente reconhecida e serve como fundamento para várias análises, este trabalho também visa investigar as correlações existentes entre esses significados e a sintaxe externa das orações. Adotarei, contudo, por ser mais detalhada, a conhecida proposta de classificação das adverbiais apresentada em Sweetser (1990), que assume que a relação estabelecida entre a oração subordinada e a matriz expressa a intenção do falante e pode ser interpretada considerando-se três domínios cognitivos distintos: domínio do conteúdo, domínio epistêmico e domínio dos atos de fala. Argumento, com base em Frey (2016; 2023), que não existe uma relação de um para um entre esses significados pragmáticos e os diferentes níveis de integração mencionados anteriormente: as orações de conteúdo podem ser adjungidas às três posições, as orações epistêmicas podem ser periféricas ou não-integradas e as orações de ato de fala só podem ser não-integradas. Dito de outra forma, as orações centrais, que modificam a eventualidade descrita na matriz, só possuem leitura de conteúdo; as orações periféricas, que se relacionam com a proposição, podem ter uma leitura de conteúdo ou uma leitura epistêmica; e as orações não-integradas, que modificam o ato de fala, podem ter as três leituras. Cabe aqui um esclarecimento com relação à terminologia utilizada para discutir essas orações. Muitos autores utilizam o termo

ampla “oração causal” para se referir a todas elas. Para especificar o tipo de oração, alguns adotam os termos “causal própria” e “causal explicativa” (por ex. Matos, 2004; Colaço e Matos, 2016a), enquanto outros, os termos “causal de conteúdo”, “causal epistêmica” e “causal de ato de fala” (por ex. Neves, 2011). Neste trabalho, utilizo o termo amplo para referência geral e ambas as especificações para o tipo de oração causal, variando conforme a discussão realizada.

Esta pesquisa se baseia nos trabalhos de Rodrigues (2018, 2022), que investiga as orações causais finitas introduzidas por *porque*. O presente trabalho estende a análise proposta pela autora às orações introduzidas por outros conectores usualmente tratados como causais/explicativos, como *já que*, *visto que*, *uma vez que*, *dado que*, *pois* e *que*³. Os conectores *já que*, *visto que*, *uma vez que* e *dado que* serão tratados em conjunto, pois compartilham um traço pressuposicional, diferentemente de *porque*, que é neutro com relação a esse traço (cf. Lobo 2003). Com relação aos conectores *que* e *pois*, argumento que somente *pois* veicula intrinsecamente uma noção de causa. O conector *que* não é inerentemente causal, introduzindo orações que estabelecem outras relações com a oração associada (cf. Matos; Rodrigues, 2020; Corr, 2022).

Com relação à posição de adjunção das orações, veremos que (i) as orações introduzidas por *porque* podem ser centrais, periféricas e não-integradas (cf. Rodrigues 2022); (ii) as orações introduzidas por *já que*, *visto que*, *uma vez que*, *dado que* só podem ser periféricas ou não-integradas; e (iii) as orações introduzidas por *que* e *pois* só podem ser não-integradas. No que diz respeito ao significado, verificaremos que todos os conectores podem introduzir orações que expressam causa nos três domínios cognitivos.

O artigo está organizado como segue. A seção 1 apresenta os dados do PB e compara os significados discutidos na análise tradicional com os significados elencados em Sweetser; uma classificação dos dados conforme o conector utilizado é apresentada. A seção 2 foca na estrutura das construções causais. Primeiramente, discute a estrutura informacional dessas construções e algumas propriedades dos conectores em estudo. Em seguida, discute, para cada conector analisado, as posições de adjunção à matriz, conforme alguns diagnósticos sintáticos envolvendo o escopo da oração matriz, a possibilidade de encaixamento e a presença de advérbios na

³ Entre os conectores mais usualmente mencionados na literatura, deixo de fora da análise *porquanto* e *pois que*, por serem menos frequentes e restritos principalmente à escrita.

oração causal. A seção 3 discute a correlação existente entre as posições de adjunção e os significados apresentados em Sweetser (1990). A seção 4 apresenta as considerações finais do trabalho.

1. O SIGNIFICADO DAS ORAÇÕES CAUSAIS

Esta seção apresenta os dados do PB examinados neste artigo e classifica-os de acordo com seu significado pragmático, considerando tanto a classificação tradicional quanto a classificação proposta em Sweetser (1990).⁴ Como especificado na Introdução, além das orações causais introduzidas por *porque* (exemplos em (1), repetidos em (2)), o artigo analisa orações causais introduzidas por outros conectores usualmente descritos como causais/explicativos, como *já que*, *visto que*, *uma vez que*, *dado que* (3), *que* (4) e *pois* (5)^{5,6}. A discussão desses exemplos mostrará que todos os conectores analisados podem introduzir orações nos três domínios de significado⁷.

- (2) a. A Maria foi embora (,) [porque o Pedro chegou].
b. A Maria saiu, [porque a luz tá apagada].
c. Coma uma fruta, [porque o almoço vai demorar]!
- (3) a. A Maria foi embora, [já que o Pedro chegou].
b. A Maria saiu, [dado que a luz tá apagada].
c. Coma uma fruta, [visto que o almoço vai demorar]!
- (4) a. A Maria foi embora, [que o Pedro chegou].
b. A Maria saiu, [que a luz tá apagada].⁸
b. Coma uma fruta, [que o almoço vai demorar].

⁴ Além das gramáticas brasileiras e portuguesas, gramáticas de outras línguas, como francês, alemão e inglês, também adotam a classificação binária (Lobo, 2003).

⁵ Como mencionado na Introdução, as orações introduzidas por *já que*, *visto que*, *uma vez que* e *dado que* serão tratadas em conjunto, por apresentarem as mesmas propriedades. As orações em (3) aceitam todos esses conectores. Assim, no restante do artigo, a discussão sobre exemplos com *já que* deve ser estendida aos outros conectores.

⁶ As orações introduzidas por *que* não podem ser descritas todas como causais, como visto na Introdução. No entanto, as sentenças apresentadas nesses exemplos expressam uma relação de causalidade para fins de comparação entre os conectores.

⁷ As vírgulas nestes exemplos indicam que a construção causal é formada por duas asserções distintas. A opcionalidade da vírgula em (2a) indica que a construção causal pode ser formada ou por duas asserções distintas ou por apenas uma asserção. Essas questões serão discutidas na seção 2.

⁸ Alguns falantes aceitam apenas marginalmente os exemplos em (4).

- (5) a. A Maria foi embora, [pois o Pedro chegou].
b. A Maria saiu, [pois a luz tá apagada].
b. Coma uma fruta, [pois o almoço vai demorar].

Considerando a classificação tradicional “causal própria vs. causal explicativa”, a relação causal própria é aquela que envolve eventos ou situações no mundo real: a situação descrita na oração causal é a causa da situação expressa na oração principal (relação causal direta, ou causa *de re*). As orações causais explicativas, por outro lado, estabelecem uma relação causal geralmente considerada como indireta. Ou seja, ao contrário das orações causais próprias, elas não fornecem a causa direta da situação descrita na oração principal, mas sim expressam o motivo ou justificativa por trás da enunciação dessa oração (causa *de dicto*).

A distinção “causais vs. explicativas” pode ser comparada à distinção definida em Sweetser (1990). Segundo Sweetser, uma relação causal pode ser identificada em diferentes domínios de uso, correspondendo a níveis cognitivos específicos: o domínio do conteúdo, o domínio epistêmico e o domínio dos atos de fala. Orações no domínio do conteúdo correspondem às orações causais próprias: uma sentença expressa uma relação causal no domínio do conteúdo quando o evento descrito na oração causal é interpretado como a causa direta do evento descrito na oração principal. Todos os exemplos em (a), acima, expressam esse tipo de relação: a chegada do Pedro é interpretada como a causa direta da saída da Maria. As orações no nível do conteúdo responderiam à pergunta *Por que é assim?* (cf. Pittner, 2023).

Orações nos domínios epistêmico e dos atos de fala correspondem às orações explicativas. Orações causais no domínio epistêmico fornecem evidências para a verdade da proposição principal, como pode ser visto nos exemplos em (b). Nesses exemplos, o falante sustenta que a Maria saiu, baseando-se em um argumento que consiste em (i) evidências para considerar como verdade o conteúdo proposicional da oração causal – *a luz tá apagada* – e (ii) conhecimento sobre a plausibilidade de que a Maria ter saído é a razão de a luz estar apagada. Assim, a oração causal oferece suporte à conclusão expressa na asserção principal. A oração principal poderia ser parafraseada como ‘a Maria deve ter saído’, uma proposição com modalidade epistêmica, confirmando que a oração principal veicula uma conclusão lógica e envolve o raciocínio do falante. Essas orações responderiam à pergunta *Por que acredito nisso?* (cf. Pittner, 2023).

Já as orações causais no domínio dos atos de fala fornecem uma justificativa para a enunciação da oração principal, para um ato discursivo, como ilustrado nos exemplos em (c). Nesses casos, o locutor ordena ou solicita ao interlocutor que coma uma fruta, justificando esse pedido (ato de fala) com base no fato de que o almoço vai demorar. Além de atos diretivos, a relação causal no domínio dos atos de fala pode também se dar com atos interrogativos ou assertivos, como exemplificado em (6), com orações-*porque*. As orações no nível do ato de fala responderiam à pergunta *Por que digo isso?* (cf. Pittner, 2023).⁹

- (6) a. Quem chegou? Porque ouvi a campainha.
b. Não vou jantar, porque estou sem fome.¹⁰

Em suma, os exemplos em (2)-(5) atestam que todos os conectores analisados podem introduzir orações no domínio do conteúdo (exemplos em (a)), no domínio epistêmico (exemplos em (b)) e no domínio dos atos de fala (exemplos em (c)).

É importante observar que essa descrição dos dados difere de muitas descrições encontradas na literatura, em que os conectores *que* e *pois* são geralmente tratados como “conjunções explicativas” (cf. Marins, 2021). Nesses casos, a expectativa é que, se uma oração causal é introduzida por *que* ou *pois*, ela deve ser uma oração causal explicativa (logo, coordenada ou adjunto de frase), e não uma oração causal própria (adjunto de predicado). O fato de haver sentenças como (4a) e (5a), que são consideradas explicativas e que, ao mesmo tempo, veiculam uma causa direta, provoca uma certa dubiedade e estranhamento nas análises e tem impedido uma investigação mais apropriada dessas construções. Colaço e Matos (2016b), por exemplo, se referem a exemplos do tipo de (4a) como orações causais (próprias) introduzidas por um conector com valor explicativo, ou seja, orações com conectores que comumente introduziriam orações explicativas (que não modificam o predicado), denotando uma causa direta da situação expressa na matriz (que, por definição, seria

⁹ Lopes (2012: 456) discorda da classificação de Sweetser. Segundo a autora “não é possível dissociar o domínio epistêmico do domínio ilocutório da significação: asserir uma determinada conclusão e seguidamente explicar/justificar essa conclusão implica, sem dúvida, encadear ou desenvolver um raciocínio, mas também, de forma central, articular asserções com estatutos funcionais distintos (conclusão e premissa ou argumento a favor dessa conclusão)”.

¹⁰ O dado em (6b) também apresenta uma relação de causa-efeito. Agradeço a um parecerista anônimo essa observação

o significado de uma oração modificadora do predicado)¹¹. Lobo (2003) refere-se a casos desse tipo como “coordenadas causais”, expondo essa dubiedade. Para evitar essa ambivalência na análise, é importante decidir a posição de adjunção das orações a partir de critérios sintáticos, como proposto neste trabalho; o significado das orações seria obtido a partir da sua sintaxe externa. Esta é a discussão realizada na próxima seção.

2. A SINTAXE EXTERNA DAS ORAÇÕES CAUSAIS

2.1 TRÊS POSIÇÕES DE ADJUNÇÃO DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS

As orações adverbiais, de forma similar aos advérbios, constituem uma classe bastante heterogênea. Uma das formas de distingui-las diz respeito ao seu nível de integração sintática com relação à oração que modificam. Nesse sentido, Frey (2016; 2023) e Badan e Haegeman (2022) classificam as orações adverbiais em centrais, periféricas e não-integradas. Esses níveis de integração são definidos a partir de critérios relacionados principalmente a questões de escopo – como argumenta Haegeman (2003, 2012), as relações de escopo são condicionadas pelas relações de c-comando tal como definidas na teoria gerativa¹². As orações centrais são caracterizadas por se encontrarem no domínio de c-comando de elementos presentes na projeção verbal estendida da oração matriz. Elas seriam, assim, adjungidas internamente a TP. As orações periféricas e as não-integradas se encontrariam fora do domínio de c-comando desses elementos, o que indicaria uma adjunção acima de TP. A distinção entre periféricas e não-integradas é realizada a partir da possibilidade de seu encaixamento como adjunto de uma oração completiva: orações periféricas, por interagirem com a proposição principal, podem ser encaixadas juntamente com a oração que modificam, ao passo que as orações não-integradas, por modificarem o ato de fala, não podem ser encaixadas (cf. Frey, 2020). Essa classificação baseia-se

¹¹ Colaço e Matos (2016b:45) discutem o exemplo em (i), em comparação com o exemplo em (ii), analisado, sem hesitação, como uma oração causal própria. Assim, a causal em (i) também seria uma causal própria, introduzida, contudo, por conectores com valor explicativo.

(i) Hoje nevou, pois/que/porque/uma vez que a temperatura desceu abaixo dos 0° C.

(ii) Hoje nevou porque a temperatura desceu abaixo dos 0° C.

¹² C-comando é uma relação estrutural utilizada para determinar relações hierárquicas entre elementos em uma sentença, é uma relação binária entre dois nós em uma estrutura arbórea. Miotto *et al.* (2013: 56) definem c-comando da seguinte maneira: “ α c-comanda β se e somente se β é o irmão de α ou se β é dominado pelo irmão de α ”.

em propostas que preveem várias projeções funcionais acima de TP, incluindo uma projeção funcional relacionada ao ato de fala, acima de CP¹³. As orações não-integradas seriam, dessa forma, adjungidas a uma projeção ligada ao ato de fala, enquanto as orações periféricas ocupariam uma posição acima de TP, mas interna a CP. Neste trabalho, não assumo uma implementação específica para essas adjunções; para efeitos da discussão, vou me referir às posições de adjunção das orações centrais, periféricas e não-integradas como vP, projeção acima de TP e projeção de ato de fala, respectivamente¹⁴.

Como apontado na Introdução, a oração adverbial adquire um significado específico a partir da sua posição de adjunção: as adverbiais centrais modificam a eventualidade codificada na matriz, as periféricas fornecem uma assunção que ecoa uma proposição contextualmente saliente e que serve como evidência para a relevância da proposição principal e as não-integradas modificam o ato de fala.

Com relação aos sentidos pragmáticos descritos em Sweetser (1990), este trabalho defende, seguindo Frey (2016; 2023), que as orações centrais, por estarem adjungidas a vP e modificarem a eventualidade descrita na matriz, só podem expressar uma relação causal no domínio do conteúdo. As orações periféricas, que são adjungidas acima de TP e se relacionam com a proposição principal, fornecendo um contexto para a sua interpretação, podem expressar uma relação causal tanto no domínio do conteúdo quanto no domínio epistêmico – o nível da proposição abrange também o nível do predicado. Por fim, as orações não-integradas, que se adjungem a uma projeção de ato de fala, modificando esse ato de fala, podem expressar uma relação causal nos três domínios – o nível do ato de fala abrange também os níveis da proposição e do predicado. Voltaremos a essa discussão na seção 3.

2.2 POSIÇÕES DE ADJUNÇÃO DAS ORAÇÕES CAUSAIS EM PB

Esta seção discute os níveis de integração das orações causais do PB a partir de testes sintáticos envolvendo o escopo da negação, o princípio-C da teoria da ligação, a possibilidade de encaixamento e a presença de advérbios na oração causal. O resultado dos testes confirma que as orações causais introduzidas por *porque* podem

¹³ Cf. Cinque (1999), Speas e Tenny (2003), Krifka (2023), Miyagawa (2022).

¹⁴ O leitor pode consultar Frey (2023) e Ángantýsson e Jędrzejowski (2023) para uma implementação dessa proposta com base em Krifka (2023).

ser centrais, periféricas ou não-integradas (cf. Rodrigues, 2022). Já as orações introduzidas por *já que*, *visto que*, *uma vez que*, *dado que* podem ser periféricas ou não-integradas, enquanto as orações introduzidas por *que* e *pois* só podem ser não-integradas. Antes, porém, para uma melhor compreensão dos testes, discuto algumas propriedades da construção causal com relação à sua estrutura informacional, bem como algumas características dos conectores investigados.

2.2.1 CONSTRUÇÕES CAUSAIS E ESTRUTURA INFORMACIONAL

Em termos gerais, a estrutura informacional de uma sentença pode ser compreendida como uma estrutura foco-suposição, na qual a suposição é a informação que o falante presume ser compartilhada entre ele e o interlocutor, enquanto o foco representa a informação nova, afirmada pelo falante (Chomsky, 1972; Jackendoff, 1972). Apesar de a estrutura informacional de períodos complexos ser um campo de pesquisa ainda pouco estudado, há autores, como Frey e Truckenbrodt (2015), que propõem que uma sentença com uma oração adverbial fracamente integrada à matriz seria associada a duas estruturas foco-suposição distintas, enquanto uma sentença com uma oração adverbial mais integrada à matriz constituiria uma única estrutura foco-suposição. Nessa perspectiva, orações periféricas e orações não-integradas formariam uma estrutura foco-suposição separada da estrutura da matriz, ao passo que orações centrais constituiriam o foco da construção, com a matriz formando a suposição¹⁵. No caso das orações causais em tela, as orações introduzidas por *já que*, *que* e *pois*, por não serem centrais, como veremos com a aplicação dos testes sintáticos, sempre formam uma estrutura foco-suposição separada. Em outras palavras, essas orações nunca podem constituir o foco da construção causal. As orações-*porque*, no entanto, podem ser centrais, além de periféricas e não-integradas, ou seja, uma oração-*porque* pode constituir o foco da construção causal. Nesse sentido, como todas as orações-*porque* podem expressar uma relação de conteúdo, é importante atentar para a estrutura informacional da

¹⁵ Alguns autores descrevem a relação causal em termos da sua estrutura informacional. Para Neves (2011), por exemplo, a oração causal (própria) com uma oração-*porque* apresenta informação nova, enquanto a oração principal apresenta informação compartilhada. Lobo (2003) sugere que algumas orações não integradas teriam um caráter inerentemente suposicional, não podendo, dessa forma, constituir o foco da construção. O leitor pode conferir igualmente Rutherford (1970) e Hooper e Thompson (1973), para as causais em inglês, e Lopes (2012), para causais em português europeu.

sentença para poder distinguir as orações-*porque* centrais (sempre orações de conteúdo) das orações-*porque* periféricas ou não-integradas de conteúdo.

Para melhor compreensão dessa questão, consideremos os exemplos (7) e (8), adaptados de Rodrigues (2018).

(7) A: Eu fiquei sabendo que o João casou com uma milionária, e que, dois meses depois, ela morreu num acidente de avião. Me disseram que ele não recebeu um tostão furado de herança. Por que que ele não herdou nada?!

B: O João não herdou nada **porque ele casou com separação de bens.**

(8) A: Eu fiquei sabendo que o João casou com uma milionária, e que, dois meses depois, ela morreu num acidente de avião. O que aconteceu com ele? Ficou rico?

B: O João não herdou nada, **porque ele casou com separação de bens.**

Tanto em (7) quanto em (8), as orações causais *porque ele casou com separação de bens* nos enunciados de B estabelecem uma relação causal entre situações, ou seja, uma relação causal própria: a razão para o João não ter herdado nada foi o casamento com separação de bens. No entanto, essas duas construções estão associadas a estruturas informacionais distintas. No enunciado de B em (7), a oração causal é o foco da construção, que apresenta uma asserção única, com um único contorno prosódico, evidenciado pela ausência da vírgula; a oração causal é central – o que se assevera é a relação causal entre as orações. Já no enunciado de B em (8), a oração causal não é o foco da construção, que apresenta duas asserções, dois contornos prosódicos distintos, evidenciado pela presença da vírgula – matriz e oração causal constituem duas estruturas separadas de foco-suposição, indicando que a oração causal não é central. É possível analisar essa oração como uma oração não-integrada, modificadora de um ato de fala. Nesse caso a oração causal constituiria um ato de fala subsidiário em relação ao ato de fala assertivo realizado na matriz (cf. Frey, 2023).

Desse modo, na aplicação dos testes sintáticos que servem como diagnóstico para definição da posição de adjunção das orações causais, é necessário considerar, no caso das orações-*porque*, a estrutura informacional da sentença.

2.2.2 CONECTORES

Os conectores aqui investigados podem ser descritos com relação a duas propriedades: causalidade e pressuposicionalidade. Nesse sentido, o conector pode denotar ou não um significado causal inerente e também ser especificado ou não lexicalmente para um traço pressuposicional.

O conector *porque* é usualmente considerado como o mais prototípico da língua, sendo, conforme Neves (2014), o conector “mais gramaticalizado, mais usual, e, portanto, menos específico da língua portuguesa”. Nessa perspectiva, pode-se dizer que ele é neutro (ou subespecificado, segundo Lobo (2003)) com relação ao traço pressuposicional, podendo introduzir tanto informação nova como informação assumida pelo locutor como conhecida do interlocutor. Como já adiantamos na seção anterior, *porque* introduz tanto orações centrais, como periféricas e não-integradas. Quanto ao significado, ele é inerentemente causal.

Os conectores do grupo de *já que* – *visto que*, *dado que*, *uma vez que* – da mesma forma que *porque*, veiculam sentido causal, mas possuiriam, conforme Lobo (2003), um traço pressuposicional. Para Vogt (2001), *já que* caracterizaria um ato de inferência. Consequentemente, as orações que eles introduzem são pressupostas. Dessa forma, não podem, por certo, ser orações centrais, que constituem necessariamente o foco da construção causal, veiculando informação nova. Os testes mostrarão que, de fato, esses conectores introduzem somente orações periféricas ou orações não-integradas.

Com relação aos conectores *pois* e *que*, nenhum deles pode ser descrito como pressuposicional. Em termos de significado, *pois* pode ser considerado inerentemente causal. Além disso, para Vogt (2001: 154), “a conjunção *pois* marca um ato de fala específico cuja função é justificar um ato de enunciação anteriormente praticado”. Quanto ao conector *que*, Matos e Rodrigues (2020: 210) afirmam que, “devido ao seu valor meramente conetivo, as frases iniciadas por *que*-conetivo não-argumental podem ocorrer em construções denotando diversos valores”. O exemplo em (9a) ilustra um caso em que o nexos estabelecido pela oração-*que* é, segundo as autoras, de consequência ou resultado; observemos ainda que o conector *que*, nesse caso, não pode ser substituído por *porque* (9b)¹⁶. Corr (2022), para quem a leitura

¹⁶ Exemplos (4a) e (4c) das autoras (p. 210).

causal é apenas uma das possíveis leituras desse conector, denomina-o de *que*-dialógico, que teria a função de ressaltar uma conexão discursiva entre a oração que ele introduz e a enunciação precedente.

- (9) a. Compre os ovos, *que* eu faço o bolo de banana.
b. #Compre os ovos, *porque* eu faço o bolo de banana.

Assim, tanto *que* como *pois* podem ser descritos como conectores ligados a um ato de fala. De fato, como veremos com os testes na próxima seção *que* e *pois* só introduzem orações não-integradas, modificando o ato de fala.

Em suma, os conectores examinados possuem propriedades distintas com relação ao seu significado e a um traço pressuposicional. Na seção que segue, discutiremos os testes que servem de diagnósticos para determinar a posição de adjunção das orações que eles introduzem. Como apontado nesta seção, orações-*porque* podem ser centrais, periféricas ou não-integradas, orações-*já que* podem ser periféricas ou não-integradas e orações-*que* e orações-*pois* só podem ser não-integradas.

2.2.3 TESTES SINTÁTICOS

Para distinguir orações centrais (adjungidas internamente a TP) de orações periféricas e não-integradas (adjungidas externamente a TP), serão empregados testes envolvendo o escopo da negação e o Princípio-C da Teoria da Ligação. Eliminada a possibilidade de a oração ser central, é necessário distinguir orações periféricas de não-integradas; para tanto, será empregado um teste envolvendo o encaixamento das orações causais. Os testes com advérbios confirmam os resultados.

2.2.3.1 ESCOPO DA NEGAÇÃO

Os testes envolvendo escopo da negação na matriz auxiliam a identificação da posição de adjunção das orações adverbiais: se a oração recai no escopo desse elemento, é possível afirmar que ela se encontra adjungida a uma posição na sua área de c-comando, internamente a TP. Caso contrário, a oração estaria adjungida externamente a TP.

Os exemplos em (10) mostram que as orações introduzidas por *porque* podem aparecer no escopo da negação quando expressam uma causa no domínio do conteúdo, como em (10a). Quando expressam relações nos domínios epistêmico (10b) e dos atos de fala (10c), isso não é possível.

- (10) a. A Maria não foi embora porque o Pedro chegou, foi embora porque ela está cansada.
b. *A Maria não deve ter saído porque a luz tá apagada (deve ter saído porque o portão tá trancado).
c. *Não coma essa fruta porque o almoço já está pronto (coma porque eu vou precisar dela para a sobremesa).

Já as orações introduzidas por *já que*¹⁷, *que* e *pois* são inaceitáveis se interpretadas no escopo da negação principal, qualquer que seja o domínio de interpretação, como ilustrado em (11). As construções são aceitáveis com o escopo da negação restrito à matriz (12), casos em que a construção causal apresenta duas estruturas foco-suposição, inclusive no caso de orações introduzidas por *porque*.

- (11) a. *A Maria não foi embora já que / que / pois o Pedro chegou, mas já que / que / pois ela está cansada. (domínio do conteúdo)
b. *A Maria não deve ter saído já que / que / pois a luz tá acesa (mas já que / que / pois o portão tá trancado). (domínio epistêmico)
a. *Não coma essa fruta já que / que / pois o almoço já está pronto (mas já que / que / pois eu vou precisar dela para a sobremesa). (domínio do ato de fala)
- (12) a. A Maria não foi embora, porque / já que / que / pois o Pedro chegou. (domínio do conteúdo)
b. A Maria não deve ter saído, porque / já que / que / pois a luz tá acesa. (domínio epistêmico)
c. Não coma essa fruta, porque / já que / que / pois o almoço já está pronto. (domínio do ato de fala)

¹⁷ Os conectores *dado que*, *visto que* e *uma vez que* possuem o mesmo comportamento que *já que*.

Em suma, o teste com o escopo da negação sugere que as orações-*porque* podem ser ou não centrais, enquanto as orações com *já que*, *que* e *pois* não podem ser centrais. O conector *porque*, devido à sua baixa especificidade, pode aparecer nas três configurações de adjunção. Os outros conectores, no entanto, não podem introduzir orações centrais porque não podem constituir o foco da construção: *já que* por ser inerentemente pressuposicional, *que* e *pois* por serem específicos de ato de fala.

2.2.3.2 PRINCÍPIO-C¹⁸

Testes envolvendo o princípio-C da teoria da ligação também apontam para a posição de adjunção das orações adverbiais. A presença, na oração causal, de uma expressão-R correferenciada com um pronome sujeito na matriz só é possível se a expressão-R não estiver no domínio de c-comando desse pronome. Caso esteja, há violação do princípio-C e a sentença é inaceitável. No primeiro caso, a oração estaria adjungida externamente a TP; no segundo, ela estaria adjungida internamente a TP.

No caso das orações introduzidas por *porque*, o exemplo em (13) mostra que há violação do princípio-C quando a oração causal constitui o foco da sentença, o que só pode acontecer com as orações causais de conteúdo. Quando a oração causal constitui uma estrutura foco-pressuposição separada da matriz, o princípio-C não é violado (14a-c).

- (13) Por que ele foi embora? *Ele_i foi embora porque o Pedro_i tava cansado.
(domínio do conteúdo)
- (14) a. O que aconteceu? Ele_i foi embora, porque / já que / que / pois o Pedro_i tava cansado. (domínio do conteúdo)
b. Ela_i deve ter saído, porque / já que / que / pois a Maria_i nunca tranca o portão. (domínio epistêmico)
c. Que horas ela_i saiu? Porque / já que / que / pois a Maria_i nunca se atrasa. (domínio dos atos de fala)

¹⁸ De acordo com o Princípio C da Teoria da Ligação (Chomsky, 1981), uma Expressão-R(eferencial) tem de ser livre, ou seja, só pode ter um antecedente se não for c-comandada por ele.

Esse teste corrobora o teste anterior, mostrando que orações centrais no PB, que só podem expressar uma relação no domínio do conteúdo, são sempre introduzidas por *porque* e que orações com os outros conectores, qualquer que seja o domínio da relação causal, não podem ser centrais. Observe-se igualmente que orações introduzidas por *porque* também podem ser não centrais.

2.2.3.3 ENCAIXAMENTO

Os testes precedentes mostraram que orações causais no PB são centrais quando: (i) são introduzidas por *porque*; (ii) expressam uma relação no domínio do conteúdo; e (iii) formam com a matriz uma única asserção, constituindo o foco da construção causal. Os outros exemplos examinados – os introduzidos por *já que*, *que* e *pois*, qualquer que seja o domínio da relação causal, e os introduzidos por *porque* nos domínios epistêmico e de ato de fala, bem como no domínio do conteúdo em uma asserção separada – não recaem no escopo da oração principal, sendo adjungidos externamente a TP.

Uma vez eliminada a possibilidade de a oração ser central, o teste de encaixamento de uma construção causal como complemento verbal mostra que as orações causais podem ainda se adjungir a posições distintas na matriz. A possibilidade de encaixamento indica que a oração causal está modificando a oração completiva. Ou seja, a causal é uma periférica. Por outro lado, a impossibilidade de encaixamento indica que a oração causal não está associada à completiva, mas sim ao ato de fala principal, sendo classificada, dessa maneira, como uma oração não-integrada.

A hipótese defendida neste trabalho é que a correlação entre as posições de adjunção e os significados discutidos por Sweetser (1990) se dá da seguinte forma: orações centrais só podem expressar uma relação no domínio do conteúdo, mas orações periféricas podem expressar relações no domínio do conteúdo e no domínio epistêmico, e orações não-integradas podem expressar relações nos três domínios. No entanto, de forma mais manifesta, orações periféricas expressam uma relação no domínio epistêmico, já que tornam acessíveis proposições do contexto discursivo que contribuem como evidência para a relevância da proposição principal; e orações não-integradas, dado que modificam o ato de fala, expressam de forma mais transparente uma relação no domínio dos atos de fala. Isso posto, com vistas a uma melhor

compreensão dos resultados obtidos, as posições de adjunção periférica e não-integrada serão testadas, respectivamente, com orações epistêmicas e orações de ato de fala.

2.2.3.3.1 ENCAIXAMENTO COM ORAÇÕES EPISTÊMICAS

Os exemplos abaixo, adaptados de Rodrigues (2022), ilustram as possibilidades de encaixamento de orações causais epistêmicas introduzidas por *porque* e *já que* em (15) e por *que* e *pois* em (16).

- (15) a. Pedro: “A Maria deve ter saído, porque / já que a luz tá apagada”.
b. O Pedro disse que a Maria deve ter saído, porque / já que a luz tá apagada.
c. O Pedro disse que, porque / já que a luz tá apagada, a Maria deve ter saído.
d. *Ele_i disse que, porque / já que o Pedro_i viu uma receita sobre a mesa, a Maria deve estar doente.
- (16) a. Pedro: “A Maria deve ter saído, que / pois a luz tá apagada”.
b. O Pedro disse que a Maria deve ter saído, que / pois a luz tá apagada.
c. *O Pedro disse que, que / pois a luz tá apagada, a Maria deve ter saído.

O exemplo em (15a) ilustra uma fala de Pedro, em que ele enuncia uma conclusão – *A Maria deve ter saído* – e justifica essa conclusão com base no fato de a luz estar apagada. A oração causal expressa assim uma causa no domínio epistêmico. O exemplo em (15b) mostra a construção causal encaixada como uma completiva de *disse*. Ainda que seja possível ter uma boa intuição de que a oração causal foi encaixada juntamente com a oração *a Maria deve ter saído*, existe a possibilidade de essa oração causal estar modificando o ato de fala principal, ou seja, o enunciado da causal pode ser atribuído ao falante, não a Pedro. Para atestar que a oração causal está de fato encaixada, ela pode ser anteposta, seguindo o complementizador, como em (15c) – sua enunciação nesse caso deve ser atribuída ao sujeito da matriz, ou seja, a Pedro¹⁹. A boa formação da construção confirma a possibilidade de encaixamento da oração causal. Já o exemplo em (15d) apresenta um teste envolvendo o princípio-

¹⁹ Considerando que a oração complemento de *disse* é um CP e que o complementizador *que* ocupa o núcleo desse CP, o fato de a oração causal seguir o complementizador indica que essa oração é um constituinte do CP encaixado.

C: a expressão referencial *o Pedro* não pode ser correferenciada com o pronome *ele* sujeito de *disse*. Há, dessa forma, uma violação do princípio-C, revelando que a expressão-R está no domínio de c-comando do pronome, ou seja, que a oração que contém a expressão-R foi encaixada juntamente com a oração *a Maria deve estar doente*.

Com relação às orações introduzidas pelos conectores *que* e *pois*, o exemplo em (16a) pode ser descrito exatamente como (15a). O exemplo em (16b), da mesma forma que (15b), não permite afirmar se oração está ou não encaixada. Contudo, o exemplo (16c) mostra que essa oração não pode ser anteposta, apontando para a impossibilidade de encaixamento.

Em síntese, o teste do encaixamento com orações epistêmicas introduzidas por *porque* e *já que* mostra que elas podem ser encaixadas juntamente com a oração que modificam, podendo ser classificadas, portanto, como orações periféricas. Esse não é o caso, contudo, de orações epistêmicas introduzidas por *que* e *pois*.

2.2.3.3 ENCAIXAMENTO COM ORAÇÕES DE ATO DE FALA

Os exemplos em (17), adaptados de Rodrigues (2022), ilustram casos em que a oração causal expressa uma relação no domínio dos atos de fala. Em (17a), a oração causal consiste em uma justificativa para o ato de fala assertivo realizado na matriz, constituindo assim um ato de fala subsidiário ao ato de fala principal. O exemplo (17b) mostra que a oração causal não pode ser interpretada como modificadora da oração *a filha dele não gosta da Maria*, pois não pode ser encaixada. Já (17c) confirma que a oração causal está de fato modificando o ato de fala principal (é o falante que enuncia a oração causal): não há violação do princípio-C, indicando que a expressão-R *o Pedro* está fora do domínio de c-comando do pronome *ele* sujeito de *confessou*.

- (17) a. Pedro: “Maria, minha filha não gosta de você, porque / já que / que / pois eu preciso ser sincero.”
- b. *O Pedro confessou que porque / já que / que / pois ele precisa ser sincero, a filha dele não gosta da Maria.
- c. Ele_i confessou que a filha dele não gosta da Maria, porque / já que / que / pois o Pedro_i precisa ser sincero.

Dessa forma, as orações causais que expressam uma causa no domínio dos atos de fala, qualquer que seja o conector, não podem ser encaixadas com uma completiva – no caso dos exemplos acima, uma completiva sob um verbo de dizer; elas são, portanto, não-integradas.

Essa discussão sobre encaixamento das orações permite concluir que as orações causais em PB podem ser tanto periféricas – somente orações com *porque* e *já que* – como não-integradas – orações com todos os conectores.

2.2.3.4 ADVÉRBIOS NA ORAÇÃO CAUSAL

Conforme argumentam Ángantýsson e Jędrzejowski (2023), bem como Frey (2020), a adjunção de uma oração a uma projeção funcional específica permite que essa oração contenha apenas modificadores adverbiais associados a essa projeção (ou a projeções abaixo dela). Nesse sentido, orações centrais não poderiam conter advérbios típicos de orações periféricas ou não-integradas e orações periféricas não poderiam conter advérbios típicos de orações não-integradas.

Dessa forma, orações não-integradas, que se adjungem a uma projeção de ato de fala, abrigariam advérbios altos como *honestamente* e *francamente* (18). Uma oração periférica, que se adjunge acima de TP, abrigaria advérbios altos avaliativos, como *infelizmente*, ou evidenciais, como *certamente*, mas não advérbios próprios de ato de fala, como *honestamente* (19).

(18) Pedro: “Maria, minha filha não gosta de você, porque / já que / que / pois francamente, eu preciso ser sincero.”

(19) O gerente acha que [porque / já que, infelizmente /*honestamente, as reservas foram canceladas, os hóspedes devem ter reclamado]²⁰.

Uma oração central, adjungida a vP, não poderia conter tais advérbios. Em (20a), temos uma oração causal central: o exemplo mostra que o pronome possessivo *sua* pode ser ligado pelo sintagma quantificado sujeito *nenhum hóspede* na matriz,

²⁰ O encaixamento com a anteposição da oração causal garante que estamos lidando com uma oração periférica.

indicando que a oração causal está no domínio de c-comando desse sujeito. Quando a oração causal aparece modificada por um advérbio evidencial, como em (20b), a ligação entre o possessivo e a expressão quantificada não é mais possível.

(20) a. Nenhum hóspede_i reclamou porque sua_i reserva foi cancelada.

b. *Nenhum hóspede_i reclamou, porque certamente sua_i reserva foi cancelada.

As diferentes posições de adjunção para as orações causais e as restrições observadas sobre advérbios sugerem que a sintaxe interna dessas construções pode ser igualmente distinta, se refletindo, por exemplo, na ausência de projeções funcionais na periferia esquerda no caso das orações centrais (Endo; Haegeman, 2019; Catasso, 2021) ou na existência de projeções acima de CP no caso das orações não-integradas (Corr, 2022). Essa investigação será deixada para trabalhos futuros.

2.2.3.5 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Os resultados dos testes apresentados nesta seção indicam que as orações introduzidas por *porque* podem ser centrais, mas apenas quando expressam uma relação no domínio do conteúdo. Os testes indicam igualmente que elas podem ser periféricas quando expressam uma relação no domínio epistêmico e não-integradas quando expressam uma relação no domínio dos atos de fala. Na seção 3, discutirei os casos em que as orações introduzidas por *porque* são periféricas de conteúdo e os casos em que são não-integradas de conteúdo e epistêmicas.

Já as orações introduzidas por *já que* não podem ser centrais; elas podem ser periféricas e não-integradas, quando expressam relações, respectivamente, nos domínios epistêmico e de atos de fala. Da mesma forma que para as orações introduzidas por *porque*, discutirei na seção 3 os casos em que essas orações são periféricas de conteúdo e os casos em que são não-integradas de conteúdo e epistêmicas.

Quanto às orações introduzidas pelos conectores *que* e *pois* expressando uma relação no domínio dos atos de fala, elas não podem ser nem centrais nem periféricas; só podem ser não-integradas. As orações não-integradas de conteúdo e epistêmicas serão discutidas na seção 3.

A tabela 1 sumariza os resultados dos testes apresentados nesta seção. Uma versão completa dos resultados será apresentada na seção 3.

	Central			Periférica			Não-integrada		
	Cont.	Epist.	Ato de fala	Cont.	Epist.	Ato de fala	Cont.	Epist.	Ato de fala
porque	✓	–	–	?	✓	–	?	?	✓
já que	–	–	–	?	✓	–	?	?	✓
que	–	–	–	–	–	–	?	?	✓
pois	–	–	–	–	–	–	?	?	✓

Tabela 1: Resultados provisórios dos testes sintáticos.

3. AS POSIÇÕES DE ADJUNÇÃO DAS ORAÇÕES CAUSAIS E SEUS SIGNIFICADOS

Este trabalho defende, seguindo Frey (2016; 2023), que a relação entre as posições de adjunção das orações causais e as três leituras discutidas em Sweetser (1990) é a seguinte: as orações centrais (adjungidas a vP) só têm uma leitura no domínio do conteúdo; as orações periféricas (adjungidas acima de TP) admitem as leituras de conteúdo e epistêmica; e as orações não-integradas (adjungidas à uma projeção de ato de fala) admitem as três leituras. A discussão que segue argumenta pelo fundamento dessas relações para cada conector analisado.

3.1 ORAÇÕES CAUSAIS CENTRAIS E O DOMÍNIO DO CONTEÚDO

As orações centrais são aquelas que se adjungem a vP, modificando, dessa forma, o predicado principal. Logo, uma oração central só pode ter a leitura de conteúdo. Nesse caso, a construção causal forma uma asserção única, com a oração causal constituindo seu foco. Vimos na seção 2 que somente o conector *porque* é admitido nessas construções, como ilustrado em (21). Em (21a), com *porque*, a negação tem escopo sobre a oração causal de conteúdo; já em (21b), com *já que*, *que* e *pois*, a negação não alcança a oração causal, sugerindo que essa oração está fora do escopo da negação, logo adjungida acima de TP.

- (21) a. A Maria não foi embora porque o Pedro chegou, mas porque ela está cansada.
(leitura de conteúdo) (=10a)

b. *A Maria não foi embora já que / que / pois o Pedro chegou, mas já que / que / pois ela está cansada. (domínio do conteúdo) (=11a)

Por outro lado, as leituras epistêmicas e de ato de fala não estão disponíveis quando a construção causal forma uma asserção única, qualquer que seja o conector (22).

(22) a. *A Maria não deve ter saído porque / já que / que / pois a luz tá apagada (mas porque o portão tá trancado). (leitura epistêmica)

b. *Não coma uma fruta porque / já que / que / pois o almoço já está pronto (mas porque eu vou precisar dela para a sobremesa). (leitura de ato de fala)

Em suma, a posição de adjunção central se correlaciona apenas com a leitura de conteúdo e admite somente o conector *porque*.

3.2 ORAÇÕES CAUSAIS PERIFÉRICAS E OS DOMÍNIOS DO CONTEÚDO E EPISTÊMICO

As orações periféricas são aquelas que se adjungem acima de TP, interagindo com a proposição principal. Por isso, elas têm escopo também sobre a eventualidade descrita na oração. Dessa forma, além de se relacionarem com a leitura epistêmica, se relacionam igualmente com a leitura de conteúdo, mas não com a leitura de ato de fala. Como visto na seção 2, somente orações com *porque* e *já que* podem ser periféricas; orações com *que* e *pois* não podem ocupar essa posição.

O exemplo em (15c), repetido em (23), foi apresentado na seção 2.2.3.3.1 para mostrar que as orações periféricas introduzidas por *porque* e *já que* mantêm uma relação com a leitura epistêmica. Nesse exemplo, a oração *porque / já que a luz tá apagada* é epistêmica porque justifica a conclusão de Pedro de que a Maria deve ter saído; e também é uma oração periférica, pois pode ser encaixada com a oração que modifica.

(23) O Pedro disse que, porque / já que a luz tá apagada, a Maria deve ter saído.

Ainda resta discutir a possibilidade de as orações periféricas expressarem uma leitura no domínio do conteúdo. A hipótese é que, mesmo estando adjungida acima

de TP, a oração periférica pode afirmar a causa de uma eventualidade. A argumentação a seguir se baseia em Frey (2016, 2020). De acordo com o autor, uma oração periférica pode expressar a causa da eventualidade principal quando o falante interpreta a relação causal como parte de sua visão de mundo. Ou seja, a relação causal não se dá diretamente entre fatos, mas entre as assunções de que certos fatos são verdadeiros. Dito de outra forma, uma relação causal entre dois eventos pode naturalmente resultar em uma relação entre proposições baseadas nesses eventos, ou seja, em uma relação entre atitudes: a crença de que um evento é verdadeiro conduz à crença de que o outro evento também é verdadeiro. Os exemplos em (24) ilustram relações causais no domínio do conteúdo expressas por orações periféricas.

- (24) a. João acredita que [Pedro foi ao médico porque / já que infelizmente / *honestamente suas mãos estão tremendo]. Ele tem medo de ter Parkinson como seu pai.
- b. Ele contou que, [já que as aves não têm um paladar muito desenvolvido, ele fazia uso constante de alho e pimenta, por exemplo]. Incluir a pimenta na ração auxilia no bom funcionamento dos sistemas circulatório e imunológico das aves.²¹

No exemplo em (24a), adaptado de Rodrigues (2022), a relação causal mediada pelos conectores *porque* e *já que* se dá no domínio do conteúdo: a causa para a ida de Pedro ao médico é o fato de suas mãos estarem tremendo. Contudo, é uma relação causal que faz parte da avaliação do mundo de João, que admite como verdade que o tremor das mãos de Pedro é a causa de sua ida ao médico. O caráter periférico da oração causal é evidenciado pela presença do advérbio avaliativo *infelizmente* e pela impossibilidade da presença do advérbio de ato de fala *honestamente*.

O exemplo em (24b) também ilustra um caso em que uma oração periférica pode ter uma leitura de conteúdo: a causa de ele usar alho e pimenta na ração é o fato de as aves não terem um paladar muito desenvolvido. O caráter periférico da oração causal é garantido pela possibilidade de encaixamento dessa oração e pela presença do conector *já que*; ou seja, a oração não pode ser não-integrada, dado que pode ser

²¹ https://observatorioanimal.com.br/wp-content/uploads/2022/06/20220624_ALI_012_Estudo_de_Caso_Abrindo_Gaiolas_Vo6.pdf

encaixada, e também não pode ser central, dado que *já que* não introduz esse tipo de oração.

Resumindo, orações periféricas com *porque* e *já que* podem expressar tanto uma leitura no domínio epistêmico quanto uma leitura no domínio do conteúdo.

3.3 ORAÇÕES CAUSAIS NÃO-INTEGRADAS E OS TRÊS DOMÍNIOS DE INTERPRETAÇÃO

As orações não-integradas são aquelas que se adjungem externamente a TP, mas que não podem ser encaixadas juntamente com a oração que modificam. A hipótese é que essas orações se adjungem a uma projeção de ato de fala, modificando o próprio ato de fala. Por modificar o ato de fala, as orações não-integradas têm escopo também sobre a proposição e sobre a eventualidade descrita na oração principal. Dessa forma, essas orações se relacionam tanto com as orações de ato de fala quanto com as orações epistêmicas e com as orações de conteúdo.

Na seção 2.2.3.3.2, vimos que as orações não-integradas podem expressar uma relação no domínio dos atos de fala (exemplos em (17), retomados em (25)). O exemplo em (25a), mostra uma oração de ato de fala, que pode ser parafraseada como *Maria, minha filha não gosta de você; eu digo isso porque / já que / que / pois eu preciso ser sincero*; (25b) mostra que a oração causal não pode ser encaixada, e (25c) confirma que a oração causal está modificando de fato o ato de fala, pois pode ser interpretada como enunciada pelo falante. Assim, uma oração não-integrada pode expressar uma relação no domínio dos atos de fala.

- (25) a. Pedro: “Maria, minha filha não gosta de você, porque / já que / que / pois eu preciso ser sincero.”
b. *O Pedro confessou que porque / já que / que / pois ele precisa ser sincero a filha dele não gosta da Maria.
c. Ele_i confessou que a filha dele não gosta da Maria, porque / já que / que / pois o Pedro_i precisa ser sincero.

Na seção 2.2.1, que discutiu a estrutura informacional das construções causais, vimos que uma oração-*porque* não-integrada pode expressar uma causa no domínio do conteúdo. O exemplo em (8), retomado em (26), ilustra essa possibilidade.

(26) A: Eu fiquei sabendo que o João casou com uma milionária, e que, dois meses depois, ela morreu num acidente de avião. O que aconteceu com ele? Ficou rico?

B: O João não herdou nada, porque ele casou com separação de bens.

Nesse exemplo, a oração causal *porque ele casou com separação de bens* no enunciado de B estabelece uma relação causal entre situações: a razão para o João não ter herdado nada foi o casamento com separação de bens – a construção causal expressa assim uma relação no domínio do conteúdo. Em termos de estrutura informacional, a construção causal apresenta duas asserções: matriz e oração causal constituem duas estruturas separadas de foco-suposição, indicando que a oração causal não pode ser uma oração central. Dessa forma, a oração causal poderia ser tanto periférica de conteúdo quanto não-integrada de conteúdo. Nesse último caso, a oração causal constituiria um ato de fala subsidiário em relação ao ato de fala assertivo realizado na matriz (cf. Frey, 2023). O mesmo acontece com os conectores *já que*, *que* e *pois*, como mostra o exemplo em (27); a presença de um advérbio alto como *francamente*, ligado ao ato de fala, confirma essa análise. Assim, a oração não-integrada pode expressar uma causa no domínio do conteúdo.

(27) O João não herdou nada, já que / que / pois, francamente, ele casou com separação de bens!

Falta discutir a possibilidade de as orações não-integradas poderem expressar uma relação no domínio epistêmico. O exemplo (28), adaptado de Rodrigues (2022), mostra essa possibilidade. A oração causal expressa uma relação no domínio epistêmico: a matriz expressa uma conclusão do falante e a causal justifica essa conclusão. Porém é uma oração não-integrada, pois aceita a presença de um advérbio como *honestamente*, típico dessas orações. Além disso, as orações com *que* e *pois*, que só podem ser não-integradas, são possíveis.

(28) A Ana deve estar doente, porque / já que / que / pois, honestamente, ela está muito pálida!

Esta seção discutiu a relação entre as posições de adjunção das orações causais e seus significados pragmáticos: orações centrais expressam uma relação no domínio do conteúdo, orações periféricas podem expressar relações nos domínios do conteúdo e epistêmico e orações não-integradas expressam relações nos três domínios.

Entender essa relação é importante para uma melhor compreensão do problema de algumas análises apontado no final da seção 1, sobre as orações com valor explicativo veicularem uma causa própria, como (4a) e (5a). A ambivalência observada por Colaço e Matos (2016a) pode ser explicada quando se considera que os estudos sobre as causais geralmente determinam a sintaxe dessas orações a partir de seu significado. Nessa perspectiva, as causais próprias (ou causais de conteúdo) são geralmente analisadas como adjuntos de predicado. Rodrigues (2018) argumenta que essa análise decorre da suposição implícita de que essa é a única estrutura possível para orações causais próprias; isto é, qualquer oração que denota a razão da eventualidade descrita na oração associada estaria necessariamente modificando o predicado (seria necessariamente uma oração central). Nessa configuração, tem-se uma sentença em que a matriz representa a pressuposição e a subordinada, o foco. O enunciado forma assim uma unidade entoacional, uma asserção única, em que se assevera a relação causal entre as orações. Contudo, orações causais como em (4a) ou (5a), ainda que expressem uma relação no domínio do conteúdo, não podem ser centrais, pois os conectores *que* e *pois* só introduzem orações não-integradas: a oração matriz e a oração causal formam duas estruturas separadas de foco-pressuposição, duas asserções distintas. Nesse caso, a oração causal está modificando não o predicado, mas o ato de fala. Dessa forma, a ambivalência se desfaz se considerarmos que uma oração de conteúdo não é exclusivamente uma oração central; orações não-integradas também podem expressar uma relação no domínio do conteúdo.

A tabela 2 sumariza os resultados completos dos testes para determinar a posição de adjunção das orações causais e sua relação com os significados pragmáticos.

	Central			Periférica			Não-integrada		
	Cont.	Epist.	Ato de fala	Cont.	Epist.	Ato de fala	Cont.	Epist.	Ato de fala
porque	✓	–	–	✓	✓	–	✓	✓	✓
já que	–	–	–	✓	✓	–	✓	✓	✓
que	–	–	–	–	–	–	✓	✓	✓
pois	–	–	–	–	–	–	✓	✓	✓

Tabela 2: Resultados dos testes sintáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou a sintaxe externa das orações causais no português brasileiro considerando os conectores *porque*, *já que*, *que* e *pois*. Conforme proposta de Frey (2016; 2023) e Badan e Haegeman (2022), vimos que as orações adverbiais podem ser classificadas como centrais, periféricas ou não-integradas, conforme sejam adjungidas a uma projeção interna a TP, a uma projeção externa a TP e a uma projeção de ato de fala. A partir dessas posições de adjunção, a adverbial obtém seu significado, modificando o predicado, a proposição ou o ato de fala.

Com base em diagnósticos envolvendo o escopo da oração matriz, a pesquisa determinou as posições de adjunção para as orações causais examinadas: (i) orações-*porque* podem ser centrais, periféricas e não-integradas; (ii) orações-*já que* podem ser periféricas e não-integradas; (iii) orações-*que* e orações-*pois* só podem ser não-integradas.

O artigo discutiu igualmente a proposta apresentada em Sweetser (1990) com relação os significados pragmáticos das orações causais – relações de conteúdo, epistêmicas e de ato de fala – e mostrou que a correspondência entre essas interpretações e as posições de adjunção das orações não é biunívoca: as orações centrais só podem ser orações de conteúdo, as orações periféricas podem ser orações de conteúdo ou epistêmicas e as orações não-integradas pode expressar uma relação nos três domínios. É possível conceber essas relações levando-se em conta o escopo do adjunto: uma oração adjungida a vP, associada à eventualidade expressa pela matriz, permitiria apenas uma leitura de conteúdo; uma oração adjungida acima de TP, associada à proposição expressa na matriz, permitiria leituras tanto de conteúdo quanto epistêmicas; já uma oração adjungida a uma projeção de ato de fala, associada ao enunciado, permitiria interpretações nos três domínios cognitivos. Essa correspondência permitiu esclarecer algumas questões não resolvidas na literatura,

provenientes da assunção de que a sintaxe das orações causais seria determinada a partir de seu significado.

O artigo não abordou a estrutura interna das orações causais, mas, como apontado brevemente na seção 2.2.2.4, há indicações na literatura de que essa estrutura pode variar de acordo sua posição de adjunção. Pesquisas futuras devem investigar essa questão.

REFERÊNCIAS

- ÁNGANTÝSSON, Ásgrímur; JEŃDRZEJOWSKI, Łukasz. Layers of subordinate clauses: A view from causal af-því-að-clauses in Icelandic. In: JEŃDRZEJOWSKI, Łukasz; FLECZORECK, Constanze (Org.). *Micro- and Macro-variation of Causal Clauses. Synchronic and Diachronic Insights*. Amsterdam: John Benjamins, 2023. p. 184–220.
- BADAN, Linda; HAEGEMAN, Liliane. The syntax of peripheral adverbial clauses. *Journal of Linguistics*, p. 1–42, 2022.
- CATASSO, Nicholas. Some notes on central causal clauses in Venetian. *Poznan Studies in Contemporary Linguistics*, v. 57, n. 4, p. 519–572, 2021.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. *Studies on semantics on generative grammar*. The Hague: Mouton Publishers, 1972.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- COLAÇO, Madalena; MATOS, Gabriela. A natureza paratática das causais explicativas em português. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 1, p. 233–259, 2016a.
- COLAÇO, Madalena; MATOS, Gabriela. Explicative clauses in portuguese as a case of parentheses. In: FIÉIS, Alexandra; LOBO, Maria; PEREIRA, Sandra (Org.). *Romance languages and Linguistic Theory: Selected papers from Going Romance 28*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2016b. p. 43–60.
- CORR, Alice. *The grammar of the utterance: How to do things with Ibero-Romance*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ENDO, Yoshido; HAEGEMAN, Liliane. Adverbial clauses and adverbial concord. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 4, p. 1–32, 2019.
- FREY, Werner. German concessives as TPs, JPs and ActPs. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 5, p. 1–31, 2020.
- FREY, Werner. On some correlations between interpretative and formal properties of causal clauses. In: REICH, Ingo; AUGUSTIN, Speyer (Org.). *Co- and Subordination in German and Other Languages*. Hamburg: Helmut Buske Verlag GmbH, 2016. p. 153–179.
- FREY, Werner. On the categorical status of different dependent clauses. In: HARTMANN, Jutta M.; WÖLLSTEIN, Angelika (Org.). *Propositional arguments in cross-linguistic research: Theoretical and empirical issues*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2023. p. 364–410.
- FREY, Werner; TRUCKENBRODT, Hubert. Syntactic and prosodic integration and disintegration in peripheral adverbial clauses and in right dislocation/afterthought. In: TROTZKE, Andreas; BAYER,

- Josef (Org.). *Syntactic Complexity across Interfaces*. Berlin: De Gruyter, 2015. p. 75–106.
- HAEGEMAN, Liliane. *Adverbial Clauses, Main Clause Phenomena, and the Composition of the Left Periphery: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford (UK): Oxford University Press, 2012.
- HAEGEMAN, Liliane. Conditional Clauses: External and Internal Syntax. *Mind and Language*, v. 18, n. 4, p. 317–339, 2003.
- HOOPER, Joan B.; THOMPSON, Sandra A. On the Applicability of Root Transformations. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 4, p. 465–497, 1973.
- JACKENDOFF, Ray S. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1972.
- KRIFKA, Manfred. Layers of assertive clauses: Propositions, judgements, commitments, acts. In: HARTMANN, Jutta M.; WÖLLSTEIN, Angelika (Org.). *Propositionale Argumente im Sprachvergleich / Propositional Arguments in Cross-Linguistic Research: Theorie und Empirie / Theoretical and Empirical Issues*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2023. p. 115–182.
- LOBO, Maria. *Aspectos da Sintaxe das orações subordinadas adverbiais do Português*. 2003. Tese de Doutorado – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.
- LOPES, Ana Cristina Macário. Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no português europeu contemporâneo. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 56, n. 2, p. 451–468, 2012.
- MARINS, Ânderson. *Conjunções causais e explicativas do português em perspectiva semântico-argumentativa*. 1a. ed. Campinas: Pontes, 2021.
- MATOS, Gabriela. Coordenação Frásica vs. Subordinação Adverbial. In: FREITAS, Tiago; MENDES, Amália (Org.). *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2004. p. 555–567.
- MATOS, Gabriela. Coordination de phrases vs. subordination adverbiale - propositions causales en portugais. In: BRILL, Isabelle; REBUSCHI, Georges (Org.). *Faits de Langues: Revue de Linguistique*, n. 28 – *Coordination et subordination: typologie et modélisation*. Paris: Ophrys, 2006. p. 169–180.
- MATOS, Gabriela; RAPOSO, Eduardo. Estruturas de coordenação. In: RAPOSO, Eduardo *et al.* (Org.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1761–1817.
- MATOS, Gabriela; RODRIGUES, Patrícia. Estruturas paratáticas de que-conetivo em frases não-argumentais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 7, p. 209–225, 2020.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MIYAGAWA, Shigeru. *Syntax in the Treetops*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2022.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Intersubjetividade e interlocução nas relações de causalidade: a funcionalidade dos juntivos causais na língua portuguesa. *Linguística*, v. 30, n. 2, p. 113–140, 2014.
- PITTNER, Karin. Pragmatic subordination Causal clauses with verb first position in German. In: JEŃDRZEJOWSKI, Łukasz; FLE CZORECK, Constanze (Org.). *Micro- and Macro-variation of Causal Clauses*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2023. p. 101–128.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Edição revista segundo o novo acordo ortográfico ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- RODRIGUES, Patrícia. Orações causais e estrutura informacional da sentença. *Gragoatá*, v. 23, n. 46, p. 544–565, 2018.
- RODRIGUES, Patrícia. Orações causais em Português Brasileiro. *Revista Linguística*, v. 18, n. 1, p.

119–138, 2022.

RUTHERFORD, William E. Some Observations concerning Subordinate Clauses in English. *Language*, v. 46, n. 1, p. 97–115, 1970.

SPEAS, Margaret; TENNY, Carol. Configurational properties of point of view roles. In: DI SCIULLO, Anna Maria (Org.). *Asymmetry in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 315–344.

SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VOGT, Carlos. Indicações para uma análise semântica argumentativa das conjunções porque, pois e já que. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 22, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3590>>. Acesso em: 18 jun. 2024.